

O IMPACTO DA CAPACIDADE DE ABSORÇÃO DO CONHECIMENTO NA ORIENTAÇÃO EMPREENDEDORA E NA SUSTENTABILIDADE NO SETOR HOTELEIRO

THE IMPACT OF KNOWLEDGE ABSORPTION CAPACITY ON ENTREPRENEURIAL ORIENTATION AND SUSTAINABILITY IN THE HOTEL SECTOR

EL IMPACTO DE LA CAPACIDAD DE ABSORCIÓN DE CONOCIMIENTO EN LA ORIENTACIÓN EMPRENDEDORA Y LA SOSTENIBILIDAD EN EL SECTOR HOTELEIRO

Sérgio Begnini¹, Carlos Ricardo Rossetto², Carlos Eduardo Carbalho¹

¹Universidade do Oeste de Santa Catarina, ²Universidade do Vale do Itajaí.

Data de submissão: 09/12/2021 – **Data de aceite:** 18/05/2022

Palavras-chave:

Turismo;
Setor hoteleiro;
Sustentabilidade;
Capacidade Absortiva;
Orientação Empreendedora.

Resumo

O objetivo deste estudo é analisar a influência da capacidade absorptiva e da orientação empreendedora na sustentabilidade econômica, social e ambiental, no setor hoteleiro das regiões turísticas catarinenses. Trata-se de uma pesquisa quantitativa e descritiva do tipo survey com foco em dados primários originais. Fez-se uso da técnica de Modelagem de Equações Estruturais operacionalizada por meio do software SmartPLS3.0 para o teste das hipóteses. Os resultados indicam que o constructo sustentabilidade é influenciado direta e positivamente pela capacidade absorptiva (ACAP) e pela orientação empreendedora (OE) e que a OE recebe efeito direto e positivo da ACAP. Ainda, que essas relações são controladas segundo a classificação, por número de estrelas, do meio de hospedagem. A originalidade deste estudo está no aprofundamento da influência da ACAP na orientação empreendedora e de ambos os constructos na sustentabilidade. Bem como, ao contribuir com os empreendedores do setor hoteleiro apontando para a necessidade de manter atenção aos conhecimentos que estão fora da empresa, e que ao serem absorvidos possibilitam melhorias na ação empreendedora e na adoção de práticas de sustentabilidade no setor.

Sérgio: Doutor em Administração pela Universidade do Oeste de Santa Catarina (UNOESC). Professor no Programa Stricto Sensu Mestrado e Doutorado em Administração/Chapecó e Administrador na Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS). E-mail: sergio.begnini@unoesc.edu.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7030-6107>

Carlos Ricardo: Doutor em Engenharia da Produção pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professor do Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI). E-mail: rossetto@univali.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0718-4362>

Carlos Eduardo: Doutor em Administração e Turismo pela Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI). Professor do Programa Stricto Sensu Mestrado e Doutorado em Administração da Universidade do Oeste de Santa Catarina (UNOESC). E-mail: carlos.carvalho@unoesc.edu.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7157-0743>

Keywords:

Tourism;
Hotel Sector;
Sustainability;
Absorptive Capacity;
Entrepreneurial Orientation.

Abstract

The main objective of this study is to analyze the influence of absorption capacity and entrepreneurial orientation on economic, social and environmental sustainability in the hotel sector in tourist regions of Santa Catarina. This is a research of quantitative and descriptive type, focusing on original primary data. The Structural Equation Modeling technique was used to test the hypotheses, through the software program SmartPLS3.0. The results indicate that the sustainability construct is directly and positively influenced by absorption capacity (ACAP) and by entrepreneurial orientation (EO), and that the EO receives a direct and positive effect of ACAP. Also, these relationships are determined by the classification of the accommodation establishment. The originality of this study lies in its deepening of the influence of ACAP on entrepreneurial orientation, and of both constructs on sustainability. It will also provide support to entrepreneurs in the accommodation sector in tourist destinations, indicating the importance of acquiring knowledge from outside the company that, when absorbed, will enable improvements in entrepreneurial action and the adoption of sustainability practices in the sector.

Palabras clave:

Turismo;
Sector hotelero;
Sustentabilidad;
capacidad de absorción;
Orientación Emprendedora.

Resumen

El objetivo principal de este estudio es analizar la influencia de la capacidad de absorción y la orientación empresarial en la sostenibilidad económica, social y ambiental, del sector hotelero en las regiones turísticas de Santa Catarina. Se trata de una investigación cuantitativa y descriptiva, tipo encuesta, centrada en datos primarios originales. Para la prueba de hipótesis se utilizó la técnica de Modelado de Ecuaciones Estructurales operada a través del Software SmartPLS3.0. Los resultados indican que el constructo sustentabilidad está directa y positivamente influenciado por la capacidad de absorción (ACAP) y por la orientación emprendedora (EO) y que la EO recibe un efecto directo y positivo de la ACAP. Asimismo, estas relaciones se controlan según la clasificación del alojamiento. La originalidad de este estudio radica en la profundización de la influencia de ACAP en la orientación emprendedora y de ambos constructos en la sustentabilidad. Así como, contribuir a los emprendedores del sector del alojamiento en los destinos turísticos, señalando la necesidad de prestar atención al conocimiento que está fuera de la empresa, y que, al ser absorbido, posibilita mejoras en la acción emprendedora y la adopción de prácticas de sostenibilidad en el sector.

INTRODUÇÃO

A importância do setor de Turismo em Santa Catarina é incontestável. O turismo representa, para Santa Catarina, 12,5% do PIB estadual, gerando emprego e renda e os empresários hoteleiros estão atentos ao cenário promissor (SANTUR, 2020) existindo uma série de desafios para que o setor efetive seu papel de catalisador do desenvolvimento econômico e social no Estado.

No turismo, o setor hoteleiro representa importante papel, pois é um dos elos do turista com o local turístico. O setor hoteleiro foi escolhido como contexto de pesquisa para este estudo, porque o turismo se tornou uma fonte essencial de riqueza em muitos países. Esse papel proeminente do turismo tem levado ao interesse de pesquisadores sobre o comportamento das empresas a partir dos seus recursos e capacidades internas (Omerzel & Jurdana, 2016).

Entretanto, boa parte do potencial de pesquisa em destinos turísticos ainda continua inexplorada, sendo poucas focadas no setor hoteleiro (Tajeddini, 2010).

Dessa forma, como afirmam Camison e Monfort-Mir (2011), Williams e Shaw (2011), existe um corpo emergente de pesquisa quando se reconhece as peculiaridades do turismo. Embora a gestão do conhecimento tenha se tornado foco de pesquisas nos últimos 20 anos como uma das perspectivas de gestão, no setor de turismo não alcançou o mesmo volume de pesquisas empíricas (Kim & Shim, 2017).

Autores têm analisado o compartilhamento de conhecimento entre empresas do setor de turismo. No entanto, o turismo em comparação com outros campos de estudo ainda carece de pesquisas sobre capacidade de absorção de conhecimento (Molina-Morales & Martínez-Fernández, 2010; Zach & Hill, 2017) como facilitador do compartilhamento de conhecimento (Maggioni, Marcoz, & Mauri, 2014).

Thomas e Wood (2015) arguem que a capacidade de absorção avançou teoricamente sem considerar as peculiaridades do turismo e empreendimentos turísticos. Os autores afirmam que estudos de capacidade de absorção conduzida entre grandes empresas manufatureiras burocráticas podem, portanto, ser de grande valor para os interessados na dinâmica da indústria hoteleira.

Nesse sentido, a elaboração de estratégias competitivas, por parte desse setor, precisa considerar o conhecimento do contexto de atuação (Wang & Ang, 2014). Conhecimento este, obtido pelo processo de absorção de novos conhecimentos oriundos do desenvolvimento da capacidade absorptiva (Cohen & Levinthal, 1990). Nestes contextos de estudos, a busca pela sustentabilidade no setor hoteleiro ainda precisa ser estudada, pois lacunas ainda estão presentes, em especial, sobre o impacto do conhecimento nela (Núñez-Rios *et al.*, 2020).

Delmas, Hoffmann e Kuss (2011) mostraram que a capacidade de absorção facilita a adoção de estratégias ambientais bem-sucedidas, porque as empresas precisam combinar informações de várias fontes que, muitas vezes, são externas a elas. Embora os principais conceitos do processo de absorção de informações e seu impacto na sustentabilidade estão estabelecidos, pouca pesquisa foi realizada especificamente nos contextos de turismo, ou hospitalidade (Shaw & Williams, 2009; Thomas & Wood, 2014). Ainda, a pesquisa de campo demonstrou os desafios envolvidos no entendimento de como as capacidades podem influenciar a busca pela sustentabilidade em pequenas e médias empresas de turismo (PMETs).

Além disso, a capacidade de absorção é uma estratégia que contribui para a capacidade de uma empresa adquirir e criar conhecimento (Lane *et al.*, 2006; Liao *et al.*, 2010). Isso, por sua vez, permite que as empresas fortaleçam as capacidades de inovação e a vantagem competitiva (Zahra & George 2002). Além disso, o ambiente dinâmico tem exigido proatividade das empresas na identificação de oportunidades, fazendo-se necessário que elas também desenvolvam e mantenham aquilo que Lumpkin e Dess (1996) apontam como orientação empreendedora.

A capacidade de absorção tem sido amplamente ignorada ou tem sido tangencial à pesquisa conduzida por acadêmicos com interesse em turismo (Carlborg, Kindström, & Kowalkowski, 2014; Hjalager, 2015; Weidenfeld, Williams, & Butler, 2010). Thomas e Wood (2015) corroboram a opinião dos

autores acima quando afirmam que poucos estudos têm abordado a orientação empreendedora em conjunto com a capacidade de absorção em empreendimentos turísticos.

Este artigo responde ao chamado de pesquisa para analisar a orquestração de capacidades (Child & Hsieh 2014) para desenvolver a orientação empreendedora organizacional em determinadas condições ambientais e determinados setores (Short *et al.*, 2008). Van Doorn *et al.* (2017) propõem que é necessário aprofundar o impacto das capacidades, aqui focado na capacidade absorptiva do conhecimento na orientação empreendedora.

Nos últimos anos, tem-se assistido a um aumento do número de estudos que tratam do empreendedorismo na indústria da hotelaria e turismo (Claudy *et al.*, 2016; Solvoll *et al.*, 2015). Schweiger *et al.* (2019) afirmam que seria importante complementar tais estudos nessa indústria, identificando novas relações da orientação empreendedora com outros constructos e também em contextos setoriais e geográficos pouco estudados, como é o caso do setor de hospedagem no estado de Santa Catarina, e em países em desenvolvimento, como é o Brasil.

Criado-Gomis *et al.* (2017) afirmam que mais investigações devem ser desenvolvidas, especialmente, no setor de turismo, no qual os aspectos sociais e culturais têm fortes implicações. Este estudo preenche essa lacuna examinando as dimensões da orientação empreendedora no setor hoteleiro (Hernández-Perlines, 2016; Hernández-Perlines, Ariza-Montes, Han, & Law, 2019).

Com base na argumentação das lacunas existentes quando dos estudos sobre os constructos propostos, este estudo tem a seguinte pergunta de pesquisa: Qual a influência da capacidade absorptiva e da orientação empreendedora na sustentabilidade econômica, social e ambiental no setor hoteleiro das regiões turísticas catarinenses? Para responder a esse questionamento, o principal objetivo do estudo foi analisar a influência da capacidade absorptiva e da orientação empreendedora na sustentabilidade econômica, social e ambiental, no setor hoteleiro das regiões turísticas catarinenses.

Trata-se de uma pesquisa quantitativa, com uso de Modelagem de Equações Estruturais, que contribui para a literatura de capacidade absorptiva, orientação empreendedora e sustentabilidade. Muito do que é conhecido em relação à sustentabilidade vem de grandes empresas e multinacionais (Aykol & Leonidou, 2015; Roxas *et al.*, 2017). Concentrando-se em saber se as empresas pequenas no setor de turismo se envolvem na orientação para a sustentabilidade, este estudo preenche uma lacuna na literatura limitada sobre orientação empreendedora e capacidade absorptiva de pequenas empresas em países em desenvolvimento (Aykol & Leonidou, 2015; Roxas *et al.*, 2017).

Este estudo contribui gerencialmente com empreendedores do setor de hospedagem em destinos turísticos, ao passo que identificou que é necessário manter atenção aos conhecimentos que estão fora da empresa e que possibilitam melhorias na adoção de práticas de sustentabilidade no setor. Ainda, contribui academicamente, mostrando a capacidade absorptiva e a orientação empreendedora como precedentes da sustentabilidade econômica, social e ambiental. Isto é, uma vez que o gestor do setor de hospedagem em destinos turísticos busca novos conhecimentos externos, aprimora sua orientação empreendedora e desenvolve práticas de sustentabilidade.

As atividades turísticas, ao mesmo tempo em que são possibilidades de empreendedorismo e aprendizagem, requerem, em especial dos gestores públicos e privados, a adoção de práticas que

reduzam os impactos negativos ambientais (Oliveira, 2013). Um grande desafio para governos, instituições privadas, estudiosos e planejadores, consiste em promover o desenvolvimento de um turismo mais sustentável em termos ambientais, socioculturais e econômicos (Silveira, 2005). Nesse estudo, analisamos o alinhamento entre capacidade absorptiva de conhecimento (ACAP), orientação empreendedora (OE) e sustentabilidade.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Sustentabilidade no setor hoteleiro

A partir da década de 1980, tornaram-se mais frequentes as discussões sobre sustentabilidade, bem como a adoção de ações para alcançá-la (Davies & Chambers, 2018; Belz & Binder, 2015; Xu & Gursoy, 2015). Cada vez mais, a noção de sustentabilidade tem recebido considerável interesse no meio acadêmico, de negócios, no governo e na sociedade. Além disso, o termo sustentabilidade passou a ser percebido como um conceito de *triple bottom line* (TBL), que se refere a uma melhoria sincronizada nos aspectos econômicos, sociais e ambientais do desempenho empresarial (Ferro *et al.*, 2019; Elkington, 1999). Este estudo utiliza, portanto, o TBL. Enquanto a maioria das pesquisas em sustentabilidade tem sido conduzida no contexto do mundo desenvolvido, o interesse pelo tema está crescendo no mundo em desenvolvimento (Buckley *et al.*, 2017; Jamali & Karam, 2016).

Globalmente, a indústria hoteleira tem se tornado mais consciente de seus impactos na sociedade e na natureza ambiente (Goldstein & Primlani, 2012). De acordo com Melissen *et al.* (2016, pág. 231), “o impacto social, cultural, ambiental e econômico da hotelaria é alto. Consequentemente, as iniciativas de sustentabilidade desta indústria podem contribuir significativamente para o desenvolvimento sustentável, mitigando os resultados negativos ligados às suas operações”.

Segundo Leal (2012), a atividade turística por si, é consumidora de espaço e causadora de impactos, devido à expansão permanente de infraestruturas (construção de hotéis, restaurantes, *resorts*, parques e áreas de estacionamento), que podem afetar diretamente o território e a biodiversidade local. Para Borges (2010), a prestação de serviços é o produto mais importante da hospitalidade, a hotelaria incluída, apresentando uma gama de atividades que acabam por gerar impactos ambientais positivos e negativos.

Nesse contexto, não é diferente a preocupação do setor hoteleiro catarinense com a adoção de práticas sociais e ambientais para abordar as preocupações de sustentabilidade. Para ser sustentável, a atividade turística precisa viabilizar a economia de longa durabilidade, respeitar a autenticidade sociocultural da sociedade e usar de forma consciente os recursos naturais existentes (Elmo, Arcese, Valeri, Poponi, & Pacchera, 2020; Katja, Miroslav, Barbara, & Doris, 2014; Ruschmann, 2008).

Bohdanowicz (2005) apontou que o desenvolvimento do turismo e, em consequência, da hotelaria, depende constantemente da qualidade ambiental e disponibilidade de recursos naturais, visto que a maioria dos destinos turísticos é dependente disso. Os argumentos teóricos favoráveis ao turismo sustentável estão apresentados, contudo, a ação englobando tais argumentos ainda não está totalmente implantada (Lansing & Vries, 2007). Isso se deve, em parte, ao fato de que, apesar de sua rápida ascensão, o elo entre turismo e sustentabilidade ainda está em evolução (Vázquez, Tirado-Valencia, & Ruiz-Lozano, 2021).

Cada vez mais, os destinos turísticos precisam manter atenção para oferecer uma experiência primorosa para atrair turistas, de modo a gerar desenvolvimento para a comunidade local, garantir preservação ambiental e gerar lucros para o setor (Durán-Román, Cárdenas-García, & Pulido-Fernández, 2021). O turismo sustentável precisa estar ancorado em informações que garantam confiabilidade quanto aos aspectos sustentáveis. Se faz necessário existirem normas oficiais que ajudem as empresas a executar seu trabalho na direção correta e, ao mesmo tempo, sintam apoio oficial para seu engajamento, quanto aos conceitos e práticas de turismo sustentável (Swarbrooke, 2000).

Atingir sustentabilidade no turismo exige cada vez mais conhecimento profundo da dinamicidade e das especificidades ligadas ao setor, e consciência referente aos impactos gerados (Vázquez *et al.*, 2021). Pérez-López *et al.* (2015) indicam que as empresas têm demonstrado uma postura de maior preocupação com os diversos problemas socioambientais, motivadas pela cobrança oriunda das leis, e também pelo anseio da própria sociedade e daqueles que consomem tal serviço. Destaca-se também que a realidade estabelecida a partir da covid-19, além de apresentar uma série de desafios para as empresas que atuam junto ao turismo, em especial hotéis e similares, também sinalizou uma série de mudanças, relacionadas à sustentabilidade (Jones & Comfort, 2020).

No setor turístico, os hotéis possuem relevante importância, pois são eles os responsáveis por reter os turistas em determinado local possibilitando que permaneçam por maior tempo (Chon & Sparrowe, 2003). As hospedagens que prestam serviços em locais turísticos, na busca por tornar a sustentabilidade uma realidade, precisam manter atenção para gerenciar os recursos que possuem, considerando os benefícios e os custos sociais, econômicos e ambientais (Wojciechowska-Solis, Kobyłka, & Gawryluk, 2021; Agyeiwaah, 2019).

Equilibrar as dimensões econômicas, sociais e ambientais é um desafio apresentado pela maior parte das pesquisas que são realizadas em locais turísticos (Dunk *et al.*, 2016; Ahmad *et al.*, 2014; Tucker & Lunch, 2005). Segarra-Onã *et al.* (2012) identificou que hotéis que adotam práticas de sustentabilidade com uso da ISO 14001 apresentam desempenho econômico superior, em relação aqueles que não utilizam.

Dentre as práticas voltadas para a sustentabilidade, que são adotadas pelos hotéis em regiões turísticas, tem-se ações econômicas como satisfação dos clientes e incentivo as compras locais, visando a aumentar a taxa de retorno dos clientes (Agyeiwaah, 2019). O autor destaca as ações sociais como interação com a comunidade, aproximação com os costumes e idiomas locais, de modo a construir relacionamentos, e ainda, ações ambientais como separação de resíduos, reuso, cuidado com a utilização da água e da energia elétrica buscando reduzir ações dispendiosas, reduzir custos e manter os recursos.

As ações de sustentabilidade adotadas pelos hotéis em regiões turísticas estão relacionadas a planejamento de longo prazo que possibilite promover a responsabilidade das partes interessadas (Wojciechowska-Solis, Kobyłka, & Gawryluk, 2021). Isso requer empenho das pessoas e organizações, pois há necessidade de constantemente inovar e implantar práticas que gerem sustentabilidade.

O estudo da gestão da informação e do conhecimento começou a ganhar espaço no turismo, como apontava Cooper (2006). Além disso, o campo de pesquisa tem demonstrado os desafios envolvidos no uso da sustentabilidade em modelos de inovação para prever o comportamento em pequenas e médias empresas de empreendimentos turísticos (SMTEs).

Este estudo sugere que a capacidade de absorção de uma empresa explicará, em parte, como as empresas do setor hoteleiro das regiões turísticas catarinenses adquirem conhecimento na busca da sustentabilidade. Para desenvolver novas práticas sustentáveis há necessidade, como enfatizam Begnini, Carvalho e Rossetto (2021), de buscar novos conhecimentos e informações no ambiente externo, sendo um caminho desenvolver sua capacidade absorptiva.

Capacidade Absortiva (ACAP)

Capacidade absorptiva (ACAP) foi definida como a habilidade da empresa reconhecer a informação externa, assimilá-la e aplicá-la para fins comerciais (Cohen & Levinthal, 1990). Wang e Ang (2004) demonstraram que, apesar da importância do ambiente como aspecto restritivo do contexto dentro do qual as estratégias são desenvolvidas, estas devem ser complementadas pelas capacidades da organização, e dentro delas, a capacidade absorptiva. Assim, ACAP pode ser entendida como a capacidade dinâmica que permite à empresa a criação de valor para ganhar e sustentar a vantagem competitiva.

Nesse processo, a pesquisa e o desenvolvimento, os aspectos cognitivos referentes ao processo de aprendizagem, bem como a comunicação entre a empresa e o ambiente externo, revelam-se fundamentais (Cohen & Levinthal, 1990). Lane e Lubatkin (1998) apresentaram a visão da ACAP referente à capacidade de uma empresa de aprender com outra empresa, sendo determinada pelas características relativas de ambas as organizações. Anos depois, Zahra e George (2002) definiram a capacidade absorptiva como um conjunto de rotinas e processos organizacionais, pelos quais as empresas adquirem, assimilam, transformam e usam conhecimentos, com o objetivo de produzir capacidade dinâmica. Quanto maior o contato com as fontes externas de conhecimento, maior será o aprendizado da empresa (Ramayah, Soto-Acosta, Kheng, & Mahmud, 2020).

Pesquisas com ACAP passaram a aprofundar questões específicas para maior entendimento a respeito do tema e seus relacionamentos. Na indústria de *softwares* abordando o desempenho das empresas (Daspit & D'Souza, 2013), em empresas de manufatura indígena na Nigéria, envolvendo pesquisa e desenvolvimento e inovação (Dutse, 2013), práticas de gestão de pequenas e médias empresas portuguesas aprofundando questões da gestão do conhecimento e colaboração com parceiros de negócio (Valentin, Lisboa & Franco, 2015). Desenvolver a ACAP é uma questão importante, pois as empresas que querem sobreviver, precisam desafiar-se e olhar para fora dos seus limites em busca de novos conhecimentos (Ramayah *et al.*, 2020).

O processo de aquisição da ACAP auxilia para que, quanto mais conhecimento for capturado, maior será a base de inteligência da organização (Liao, 2003), podendo ocorrer por meio de diversas fontes, como clientes, parceiros, concorrentes, universidades (Murovec & Prodan, 2009). Pela assimilação, a empresa compreende o conhecimento trazido e o internaliza (Jimenez-Barrinuevo, Garcia-Morales, & Molina, 2011).

A transformação possibilita criar e aperfeiçoar procedimentos que facilitam a conciliação dos conhecimentos novos que foram adquiridos e assimilados com os já existentes na empresa (Flatten *et al.*, 2011). Tendo a empresa adquirido, assimilado e transformado o conhecimento, poderá aplicá-lo, e incluí-lo nas suas rotinas. Assim, será possível desenvolver e aprimorar produtos, sistemas, processos e competências.

A partir das dimensões da ACAP, os gestores devem analisar o alinhamento entre o desenvolvimento de capacidades de absorção de conhecimento e a exploração de recursos para enfrentar as turbulências ambientais por meio da orientação empreendedora (OE). Dada a força das evidências dos benefícios do OE (Vafaei-Zadeh *et al.* 2019), mesmo como pré-requisito para a sobrevivência (Colombelli *et al.*, 2016), vários autores afirmam que existe a necessidade de pesquisas mais profundas sobre os antecedentes da OE para entender a complexidade de sua origem e desenvolvimento (Wales, Gupta, & Mousa 2013).

A literatura sobre os antecedentes da OE identifica, individualmente ou em conjunto, fatores internos ou externos como determinantes da OE (Wales *et al.*, 2013). Nesse sentido, identifica-se uma lacuna na literatura quanto à análise da influência da ACAP como determinante da OE (García-Villaverde *et al.*, 2018).

Orientação Empreendedora (OE)

Dentro do empreendedorismo, a orientação empreendedora tem recebido atenção, principalmente, dos pesquisadores atuantes no campo da estratégia e, como afirmam Lomberg *et al.* (2017), tornou-se foco da literatura de gestão empresarial. O empreendedorismo se refere à capacidade de criação de novos negócios, no nível do empreendedor (Lumpkin & Dess, 1996). O empreendedorismo se refere à pessoa com capacidade de realizar e gerar mudanças na economia, por meio de suas atitudes inovadoras (Schumpeter, 1983). Enquanto a OE é a mesma capacidade de realização, contudo, no nível organizacional (Miller, 1983).

O termo orientação empreendedora (OE) foi definido por Miller (1983) como sendo a atividade de uma empresa de se sujeitar a riscos. OE é uma atitude tomada pela empresa, determinada por constantes inovações em produtos e tecnologia, alta competição e elevada aceitação em assumir riscos (Covin & Slevin, 1989). As empresas que não possuem orientação empreendedora são aquelas mais conservadoras que inovam pouco e são cautelosas com relação às mudanças (Miller, 1983). Subjacente à análise da OE está a forma como as novas oportunidades de negócios são exploradas pelas empresas (Hernández-Perlines, Covin, & Ribeiro-Soriano, 2021).

A orientação empreendedora corresponde às práticas de estratégias na condução dos negócios, por meio de processos, ações, e atividade de tomada de decisão, com o intuito de criar novas oportunidades (Lumpkin & Dess, 1996). É um constructo estratégico relacionado às preferências e comportamentos gerenciais dentro da empresa (Covin, Green, & Slevin, 2006), constituindo-se como importante tema na identificação do perfil empreendedor da empresa e suas influências nas estratégias organizacionais e no desempenho (Rauch, Eiklund, Lumpkin, & Frese, 2009).

Seguindo a perspectiva de Miller (1983), a OE possui três atributos: busca por inovação; capacidade de assumir riscos e criatividade. Posteriormente, foram acrescentadas a autonomia e a agressividade competitiva (Lumpkin & Dess, 1996). Esses autores passaram a entender a OE com uma natureza multidimensional.

A abordagem multidimensional compreende a necessidade da existência das dimensões, porém não há obrigatoriedade da manifestação destas em níveis semelhantes, podendo ser manifestadas em intensidades diversas (Lumpkin & Dess, 1996). Estudos a respeito das dimensões e das abordagens unidimensional ou multidimensional de OE se intensificaram ao longo dos anos, contudo,

a maior parte dos pesquisadores do tema adotam as três dimensões propostas por Miller (Santos, Alves, & Bitencourt, 2015).

Nem sempre o efeito da OE nas práticas das empresas é percebido de forma direta e/ou simples (Hernández-Perlines, Moreno-Garcia, & Yáñez-Arque, 2017). As condições internas e externas atuam como forças capazes de influenciar os efeitos da OE nas práticas das empresas, em especial no desempenho (Hernández-Perlines *et al.*, 2021) constituindo-se como um valioso indicador do sucesso da empresa (Kraus, Rigtering, Hughes, & Hosman, 2012). A orientação empreendedora auxilia as empresas a adotar novas práticas de pensar e de agir de forma mais disruptiva, rompendo laços e hábitos existentes (Arya, Horak, Bacouel-Jentjens, & Ismail, 2021). A OE constitui-se, então, em uma postura estratégica que captura a vontade de determinadas empresas para um comportamento empreendedor (Kohtamäki, Heimonen, & Heikkilä, 2020).

Apesar do crescente fluxo de pesquisas sobre sustentabilidade ambiental e inovação (Adams *et al.*, 2016), as ligações entre orientação empreendedora e sustentabilidade ambiental ainda permanecem pouco exploradas (Neutzling *et al.*, 2018). As PMEs precisam ter gestores ou tomadores de decisão dotados de orientação empresarial para alavancar os recursos da empresa, a fim de alcançar sustentabilidade ambiental. Destaca-se o papel das capacidades que integram o OE no debate da sustentabilidade ambiental no domínio das PME (Knight *et al.*, 2019; De Steur *et al.*, 2020).

Hipóteses de Pesquisa

A literatura apresenta variados aspectos relacionados à capacidade de a empresa adquirir, assimilar, transformar e aplicar conhecimentos externos em ações de sustentabilidade. Assim como em outros setores, no turístico ainda é necessário aprofundar o entendimento na busca por compreender os impactos gerados pela circulação de informações e do conhecimento para legitimação do turismo sustentável (Hall, 2019). Isso porque as atividades que fazem parte do turismo estão relacionadas diretamente com questões estruturais do desenvolvimento sustentável (Durán-Román *et al.*, 2021).

Entende-se que o crescimento e a consolidação do turismo como uma das principais atividades socioeconômicas trazem, em seu bojo, a responsabilidade de colaborar para o desenvolvimento sustentável, mediante a incorporação de práticas que busquem zerar possíveis impactos negativos, ambientais, sociais e econômicos (OMT, 2004). A capacidade absorptiva possibilita à empresa buscar conhecimentos externos para agir com as regulamentações ambientais e conscientização ambiental dos clientes, na busca por obter vantagem competitiva sustentada (Martelo-Landroguez, Albort-Morant, Leal-Rodríguez, & Ribeiro-Soriano, 2018).

A ACAP é uma facilitadora na implantação de estratégias sustentáveis, uma vez que as empresas podem combinar informações econômicas, sociais e ambientais externas que foram, anteriormente, identificadas e assimiladas, com os conhecimentos internos que já adquiriram ou desenvolveram (Barcelos, Magnago, Alberton, & Rossetto, 2018). A ACAP pode agir como impulsionadora para que as empresas adotem ações de sustentabilidade econômica, social e ambiental (Dzhengiz & Niesten, 2019), pois ao acumular conhecimentos, a empresa passa a ter a possibilidade de desenvolver tais ações (Liu, Zhang, & Ye, 2019). Então, a capacidade da empresa em desenvolver sua ACAP apresenta relevante importância na adoção de práticas que envolvam aspectos da sustentabilidade (Padiilha, Piekas, Kuzma, Begnini, & Carvalho, 2020), pois, ao desenvolver a ACAP, as empresas melhoram a

adoção de sustentabilidade em seus processos e produtos (Riikkinen, Kauppi, & Salmi, 2017). Ainda, Goyal, Rahman e Kazmi (2013) recomendam que a relação entre conhecimento e desempenho sustentável seja mais explorada, especialmente considerando países em desenvolvimento. A partir das argumentações, a primeira hipótese que foi testada foi:

H1: Capacidade Absortiva possui efeito direto e positivo na Sustentabilidade.

No tocante à orientação empreendedora, a busca por compreender as novas oportunidades de criar bens e serviços e de explorá-los, passa pela preocupação com a sustentabilidade econômica, social e ambiental (Portugal, Silva, Júnior, & Alves, 2017). Nessa busca da empresa por reconhecer e explorar oportunidades, a orientação empreendedora impacta diretamente nas ações de sustentabilidade (Divito & Bohnsack, 2017).

Possuir orientação empreendedora possibilita construir alternativas capazes de influenciar positivamente as questões relacionadas à sustentabilidade (Pacheco, Dean, & Payne, 2010). A orientação empreendedora gera efeitos positivos nas ações econômicas, sociais e ambientais das empresas, entendidas como desempenho organizacional (Abbate, Mores, & Spanhol, 2014). Seguindo as argumentações, a segunda hipótese testada foi:

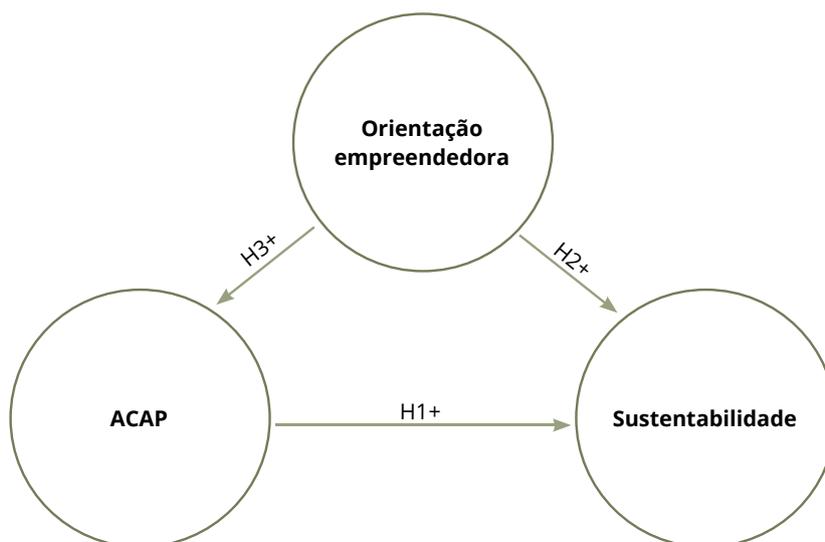
H2: Orientação Empreendedora possui efeito direto e positivo na Sustentabilidade.

A capacidade absorptiva da empresa também impacta diretamente no alcance dos objetivos traçados (Hernández-Perlines *et al.*, 2017), visto que o sucesso da empresa depende de sua habilidade em aplicar novos conhecimentos, anteriormente identificados e assimilados (Jansen, Vanden Bosch, & Volberda, 2005). A identificação de oportunidades é fundamental para a orientação empreendedora que, segundo Venkatraman (1989), envolve assumir riscos.

Caso a empresa não possua ACAP, mesmo desenvolvendo sua orientação empreendedora, terá menos oportunidades, pois terá menor habilidade em reconhecer novas informações (Sorescu, Chandy, & Prabhu, 2003). Nesse sentido, a orientação empreendedora é determinada, em algum grau, pela capacidade absorptiva (Zahra, Filatotchev, & Wright, 2009; Sciascia, D'Oria, Bruni, & Larrañeta, 2014). E a ACAP pode atuar como uma força que auxilia nos resultados positivos da OE (Kohtamäki, Heimonen, & Heikkilä, 2020). Portanto, a terceira hipótese testada foi:

H3: Capacidade Absortiva possui efeito direto e positivo na Orientação Empreendedora.

Figura 1 – Modelo Conceitual



Fonte: Elaborado pelos autores, 2022.

METODOLOGIA

Esta pesquisa caracteriza-se como quantitativa e descritiva, do tipo *survey* com foco em dados primários originais. O instrumento de pesquisa foi aplicado junto aos principais executivos de hotéis de nove regiões turísticas do estado de Santa Catarina (Serra Catarinense, Caminho dos Cânions-Encantos do Sul, Costa Verde e Mar, Caminhos da Fronteira, Caminho dos Príncipes, Grande Oeste, Vale Europeu, Grande Florianópolis e Vale do Contestado) (Tomio & Schmidt, 2015). A divisão original é de dez regiões turísticas. Contudo, um estudo exploratório inicial foi realizado e optou-se por considerar “Encantos do Sul” e “Caminho dos Canyons” como uma única região.

Para definição precisa da amostra, foi efetuada uma pesquisa exploratória nas regiões para identificação da população-alvo, do perfil e da representatividade dos empreendimentos. Frente ao levantamento do número de hotel por região turística, buscou-se representatividade de todas as regiões na amostra. Também foi realizado o cálculo no G*Power que evidenciou a necessidade de no mínimo 68 observações para rodar a modelagem, considerando $f^2 = 0.15$, erro tipo 1 = 0.05, erro tipo 2 0.80 e dois preditores.

Devido à dificuldade em coletar dados primários por questionários, fez-se uso da amostra por conveniência, visto que o instrumento de pesquisa foi encaminhado por *e-mail* para os contatos identificados em buscas realizadas em *sites* de hotéis das regiões turísticas de Santa Catarina e da Agência de Desenvolvimento do Turismo de Santa Catarina (SANTUR). Antes de encaminhar o instrumento,

um dos pesquisadores tentou contato com todos os hotéis mapeados. No total, foram efetivados 192 contatos. Destes, 92 aceitaram responder a pesquisa e 83 efetivamente responderam.

O instrumento de coleta de dados foi formado por escala do tipo Likert de 7 pontos. Assim, é possível tratar os dados como numéricos, permitindo testes baseados na análise fatorial, na regressão e na covariância, o que possibilitou, tanto o agrupamento empírico das empresas, quanto o teste das hipóteses relacionadas a este construto, tendo em vista que a modelagem de equações estruturais se caracteriza como uma combinação de análise fatorial e de regressão múltipla (Hair, Black, Babin, & Anderson, 2014).

A capacidade absorptiva foi operacionalizada com base no modelo de Zahra e George (2002) e foi mensurada por seis assertivas, construídas com base no trabalho de Tenconi (2015). Neste estudo, foi proposto um modelo de mensuração de ACAP, que resultou em um questionário de mediação, válido e confiável, direcionado ao contexto brasileiro. Essa escala passou por validação realizada por pesquisadores da área.

O constructo orientação empreendedora foi operacionalizado com base em Lumpkin e Dess (1996). A escala utilizada foi desenvolvida por Martens *et al.* (2015) e, neste trabalho, adaptada para o setor de hoteleiro das regiões turísticas. O constructo sustentabilidade foi mensurado por sete assertivas. A escala foi construída com base nos trabalhos de Ayuso (2007), Vithessonthi (2009), Rivera e Leon (2005) e, Robinot e Gianneloni (2009, 2010). As variáveis utilizadas para mensurar cada um dos constructos estão apresentadas no Apêndice I.

Como variável de controle, foram utilizadas a categoria do hotel, mensurada pela classificação quanto ao número de estrelas, o segmento do hotel, mensurado quanto à atuação em lazer e/ou negócios, e o tempo de atuação, mensurado pela idade do hotel. O número de estrelas foi utilizado por Martins e Flores (2017) e por Santos e Flores (2017).

Após os dados terem sido coletados, buscou-se averiguar possíveis casos faltantes. Não houve problemas quanto a isso. No passo seguinte, foi averiguada a existência de *outliers*, que não foi identificada. Passou-se, então, a realizar uma análise descritiva dos dados. Utilizando o *software* SmartPLS3, foram calculadas as relações de efeito entre os constructos. Antes disso, foi realizada a validação dos constructos, conforme descrito na apresentação dos resultados.

RESULTADOS

Referente à categoria dos hotéis que integram a amostra, 42% são três estrelas, 24% são quatro estrelas, 13% são duas estrelas, 12% não possuem estrelas, 5% são uma estrela e 4% são cinco estrelas. Outra característica refere-se à principal atuação dos hotéis. Nesse sentido, 29% são predominantemente de lazer; 27% de negócios e lazer em proporções iguais; 22% predominantemente de negócios; 18% são totalmente de lazer; e 4%, totalmente de negócios. Quanto ao tempo de atuação, 24% dos hotéis que integram a amostra possuem até 10 anos, enquanto 30% possuem de 11 a 20 anos, 28%, de 21 a 30 anos, 11%, de 31 a 40 anos e 6% tem mais de 40 anos.

Também é interessante apresentar alguns dados referentes à estatística descritiva das variáveis observadas, conforme Tabela 1.

Tabela 1 – Estatística Descritiva

	N	Mínimo	Máximo	Média	D. Padrão	Variância	Assimetria	Erro	Curtose	Erro
ACAP1	83	1	7	5,34	1,540	2,373	-1,306	0,264	1,692	0,523
ACAP2	83	1	7	5,13	1,737	3,019	-0,995	0,264	0,170	0,523
ACAP3	83	1	7	5,08	1,632	2,664	-0,984	0,264	0,263	0,523
ACAP4	83	1	7	5,25	1,413	1,996	-1,128	0,264	1,442	0,523
ACAP5	83	1	7	5,40	1,538	2,364	-1,256	0,264	1,427	0,523
ACAP6	83	1	7	5,00	1,739	3,024	-0,927	0,264	0,049	0,523
EO1	83	1	7	5,10	1,643	2,698	-1,038	0,264	0,506	0,523
EO2	83	1	7	5,58	1,697	2,881	-1,303	0,264	0,947	0,523
EO3	83	1	7	3,93	1,924	3,702	-0,042	0,264	-1,114	0,523
EO4	83	1	7	4,86	1,815	3,296	-0,669	0,264	-0,484	0,523
EO5	83	1	7	3,98	1,774	3,146	-0,030	0,264	-0,976	0,523
EO6	83	1	7	5,19	1,871	3,499	-0,929	0,264	-0,257	0,523
EO7	83	1	7	5,08	1,733	3,005	-0,939	0,264	0,212	0,523
SUST1	83	1	7	5,84	1,477	2,182	-1,467	0,264	1,717	0,523
SUST2	83	1	7	5,48	1,588	2,521	-1,212	0,264	1,267	0,523
SUST3	83	1	7	4,16	2,293	5,256	-0,234	0,264	-1,468	0,523
SUST4	83	1	7	4,60	2,147	4,608	-0,587	0,264	-1,045	0,523
SUST5	83	1	7	5,14	1,822	3,320	-0,926	0,264	-0,134	0,523
SUST6	83	1	7	4,82	2,025	4,101	-0,695	0,264	-0,811	0,523
SUST7	83	1	7	4,93	1,937	3,751	-0,649	0,264	-0,821	0,523

Fonte: Resultados da pesquisa, 2022.

Considerando os 83 respondentes e uma escala de 7 pontos, em todas as assertivas houve, ao menos, um respondente optando pelo nível mais baixo e um pelo nível mais alto de resposta. A média, em todas as assertivas permaneceu superior ao ponto central da escala. As variáveis apresentam assimetria negativa, indicando a existência de poucos valores pequenos e, em comparação a curva normal, apresenta-se cauda à esquerda (Hair *et al.*, 2014).

A avaliação do modelo reflexivo de mensuração considerou a confiabilidade composta, a validade convergente, a confiabilidade do indicador e a validade discriminante (Nascimento & Macedo, 2016). Para avaliação do modelo estrutural, considerou-se o coeficiente de determinação (r^2), relevância preditiva (Q^2), tamanho e significância do coeficiente de caminho (β), e o tamanho do efeito (f^2) (Hair *et al.*, 2014).

Para a validação do modelo de mensuração, seguiram-se todos os critérios indicados pela literatura. A Tabela 2 apresenta os valores referentes à validade discriminante, validade convergente e confiabilidade composta. Para validade discriminante, utilizou-se o critério de Forrel-Lacker, em que os valores da raiz quadrada da AVE (em negrito, na diagonal na Tabela 2) precisam ser maiores

que os valores das correlações. Para validade convergente, utilizou-se a variância média extraída (AVE), na qual os valores precisam ser superiores a 0,50 (Hair, Hult, Ringle, & Sarstedt, 2017). Neste caso, em relação ao modelo inicial, foi necessário excluir algumas variáveis observadas (EO2, EO6, SUST1 e SUST2).

Nota-se a existência de cargas com valores inferiores a 0,7 e superiores a 0,4. Essas foram analisadas e testadas chegando à decisão de mantê-las, seguindo o recomendado pela literatura e também considerando que a AVE já possui valor superior a 0,50. Indicadores com cargas externas mais baixas (entre 0,4 e 0,7) devem ser analisados e não simplesmente excluídos, pois podem apresentar forte contribuição para a validade do conteúdo (Hair *et al.*, 2017).

Tabela 2 – Validade discriminante, validade convergente e confiabilidade composta

Variável	ACAP	Nº_Estrelas	Or. Empr	Segmento	Sustentab	Tempo de vida	AVE	CC
ACAP	0.888						0,79	0,95
Nº_Estrelas	0.238	1.000					1,00	1,00
Or. Empr	0.506	0.149	0.720				0,52	0,84
Segmento	-0.147	0.062	-0.105	1.000			1,00	1,00
Sustentab	0.421	0.525	0.382	0.053	0.719		0,52	0,84
Tempo de vida	-0.063	-0.414	-0.043	-0.268	-0.208	1.000	1,00	1,00

Fonte: Resultados da pesquisa, 2022.

Para atestar a validade discriminante, confirmando que os constructos são independentes uns dos outros, também foram calculadas as cargas cruzadas, apresentadas na Tabela 3. Com as cargas cruzadas, nota-se que realmente há validade discriminante, pois as cargas fatoriais mais altas estão carregadas em cada indicador no constructo ao qual pertence. Calculados, os valores do fator inflação da variância (VIF) estão dentro do aceitável, pois o maior valor foi da variável ACAP4 com 5,08. Os valores apresentados mostram que algumas variáveis apresentam multicolinearidade, mas dentro dos valores aceitáveis.

Tabela 3 - Cargas cruzadas: validade discriminante

	ACAP	Or. Empr	Sustentab	Segmento	Nº_Estrelas	Tempo de vida
ACAP1	0,846	0,321	0,377	-0,033	0,225	0,015
ACAP2	0,901	0,465	0,416	-0,074	0,254	-0,133
ACAP3	0,905	0,504	0,459	-0,135	0,227	-0,035
ACAP4	0,928	0,483	0,349	-0,163	0,176	-0,019

ACAP5	0,908	0,401	0,356	-0,116	0,276	-0,130
ACAP6	0,835	0,496	0,273	-0,254	0,110	-0,028
EO1	0,325	0,657	0,355	-0,038	0,119	0,082
EO3	0,303	0,792	0,287	0,040	0,115	-0,109
EO4	0,417	0,781	0,126	-0,100	0,042	-0,051
EO5	0,492	0,778	0,243	-0,221	0,087	-0,100
EO7	0,246	0,564	0,367	-0,021	0,174	0,029
SUST3	0,353	0,343	0,757	-0,172	0,381	-0,055
SUST4	0,268	0,362	0,724	-0,083	0,298	-0,126
SUST5	0,319	0,226	0,818	0,076	0,352	-0,134
SUST6	0,258	0,172	0,512	0,097	0,311	-0,228
SUST7	0,303	0,262	0,743	0,234	0,497	-0,207
Segmen	-0,147	-0,105	0,057	1,000	0,062	-0,268
Estrelas	0,238	0,150	0,511	0,062	1,000	-0,414
Idade	-0,063	-0,043	-0,203	-0,268	-0,414	1,000

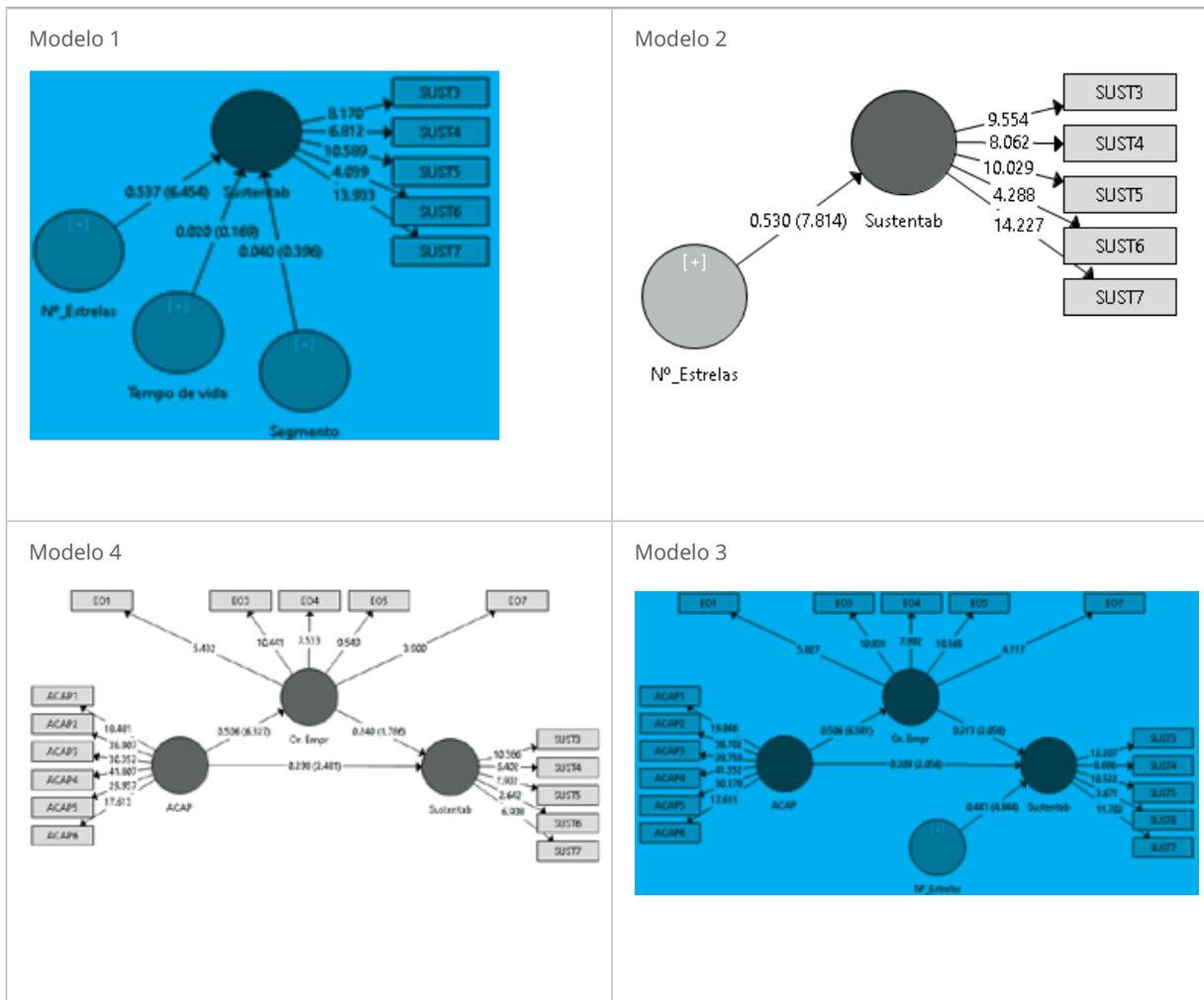
Fonte: resultados da pesquisa, 2022.

Teste das Hipóteses

Utilizando a rotina do *bootstrapping* do PLS, foi realizado o teste t. Para tanto, se utilizou o número de 5000 mil subamostras. Na Figura 2 e na Tabela 4, estão sendo apresentados os resultados dos testes de hipóteses, considerando quatro etapas, conforme elencado a seguir.

O Modelo 1 considera apenas as variáveis de controle número de estrelas (classificação do hotel), segmento (atuação em lazer e/ou negócios) e tempo de atuação (idade do hotel) e o constructo endógeno, sustentabilidade. O modelo 2 considera somente a variável de controle que apresentou resultado significativo e o constructo endógeno. O modelo 3, considerando somente os constructos latentes, sem a presença da variável de controle. Por fim, o modelo 4, que engloba todos os constructos mais a variável de controle que apresentou significância estatística.

Figura 2 – Modelo estrutural e significância das relações



Fonte: Resultado da pesquisa, 2022.

Tabela 4 - Teste de hipóteses

Modelo	Relação	Hipótese	Coef. Est.	Desv. Pad.	Test t	Valor-p	r ²	f ²
1	Nº de estrelas → sustentabilidade	Controle	0,537	0,083	6,454	0,000	0,284	0,333
	Segmento → sustentabilidade	Controle	0,040	0,101	0,396	0,692		0,002
	Tempo de vida → sustentabilidade	Controle	0,020	0,121	0,162	0,866		0,000
2	Nº de estrelas → sustentabilidade	Controle	0,531	0,068	7,814	0,000	0,281	0,391

3	ACAP → sustentabilidade	H1	0,298	0,120	2,481	0,013	0,219	0,084
	Orient. Empr. → sustentabilidade	H2	0,240	0,135	1,786	0,074		0,055
	ACAP → Orientação Empreendedora	H3	0,506	0,080	6,327	0,000	0,256	0,344
4	Nº de estrelas → sustentabilidade	Controle	0,441	0,091	4,844	0,000	0,400	0,305
	ACAP → sustentabilidade	H1	0,209	0,101	2,056	0,040		0,052
	Orient. Empr. → sustentabilidade	H2	0,213	0,104	2,058	0,040		0,056
	ACAP → Orientação Empreendedora	H3	0,506	0,077	6,581	0,000	0,256	0,345

Fonte: Resultado da pesquisa, 2022.

Descontando o efeito da variável de controle, número de estrelas, capacidade absorviva e orientação empreendedora explicam 19,1% da variância em sustentabilidade, e a ACAP explica 25,6% da variância em orientação empreendedora. Ambos os valores são considerados explicações médias (Cohen, 1988). Procedendo uma comparação entre o modelo 3, sem a presença da variável de controle e o modelo 4, com a presença da variável de controle, percebe-se uma mudança expressiva em termos de significância na relação entre orientação empreendedora e sustentabilidade. Enquanto no modelo 3 essa relação não foi significativa, no modelo 4, foi.

A hipótese H1 foi suportada: ACAP possui efeito direto e positivo na sustentabilidade, apresentando um efeito de tamanho pequeno ($f^2 = 0,052$). A hipótese H2 também foi suportada: orientação empreendedora possui efeito direto e positivo na sustentabilidade, com efeito de tamanho pequeno ($f^2 = 0,056$). Tal efeito passou a ser significativo quando foi controlado o efeito da classificação do hotel (número de estrelas). A hipótese H3, ACAP possui efeito direto e positivo na orientação empreendedora, também foi suportada, mostrando efeito de tamanho médio ($f^2 = 0,345$).

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Este estudo buscou aprofundar a relação entre a competitividade, analisada a partir da ACAP e da orientação empreendedora, e a sustentabilidade econômica, social e ambiental. Para tanto, se considerou a percepção dos gerentes dos hotéis das regiões turísticas do estado de Santa Catarina. É consenso entre os autores que é preciso existir certo equilíbrio entre as ações econômicas, sociais e ambientais para que a empresa consiga desenvolver práticas sustentáveis (Malvestiti, Esteves, & Dandolini, 2021). Outro aspecto que merece atenção é a crescente conscientização por parte dos consumidores, em relação aos aspectos sustentáveis praticados pelas empresas (Hsu & Liao, 2014).

Se na indústria há essa preocupação dos consumidores, no setor turístico não é diferente. Assim, os participantes do setor turístico também precisam estar atentos à utilização consciente dos recursos naturais, respeitando a sociedade, gerando benefícios locais aos envolvidos no processo e desenvolvendo uma economia de longa durabilidade (Elmo *et al.*, 2020). Destaca-se que o desenvolvimento de práticas de sustentabilidade está relacionado ao desenvolvimento da ACAP (Dzhengiz & Niesten, 2019).

Concentrando-se nessa importante questão, observa-se que a primeira hipótese (H1) deste estudo indica que a capacidade absorptiva possui efeito direto e positivo na sustentabilidade. O resultado encontrado indica que ACAP influencia na sustentabilidade e corrobora com os achados do estudo de Padilha *et al.* (2020), no qual se verificou que capacidade absorptiva mantém efeito positivo sobre ACAP. Os resultados também vão ao encontro do exposto por Gallego-Alvarez, Prado-Lorenzo e García-Sánchez (2011) de que os negócios estão cada vez mais incorporando práticas de sustentabilidade.

O suporte da H1 também está alinhado com a teoria, uma vez que para atuar no mercado industrial, comercial ou turístico, as empresas ou organizações têm, a partir da capacidade absorptiva, a possibilidade de buscar conhecimentos externos voltados ao desenvolvimento de práticas sustentáveis, seja de regulamentações ambientais, de comportamentos sociais, ou mesmo de preferências dos consumidores (Martelo-Landroguez *et al.*, 2018). Visualizando que a ACAP e as práticas sustentabilidade são processos complexos e difíceis de serem imitados, possibilitam a obtenção de vantagem competitiva frente aos concorrentes (Roszkowska-Menkes, 2018).

A segunda hipótese (H2) também foi suportada, significando que a orientação empreendedora influencia de forma direta e positiva a sustentabilidade. Contudo, o suporte ocorreu quando houve a inclusão da variável de controle de classificação (número de estrelas). Essa variável indica que o número de estrelas que um meio de hospedagem possui/recebe influencia os demais elementos investigados. Segundo Machado (2017), hotéis com mais estrelas precisam manter medidas que valorizem a cultura local, bem como sensibilizar os hóspedes quanto a questões voltadas à sustentabilidade.

Uma vez que a orientação empreendedora age como uma força que impulsiona as empresas a adotarem práticas inovadoras, capaz de romper laços mais conservadores (Arya *et al.*, 2021), o resultado da hipótese H3 está de acordo com o esperado. Ao buscarem implementar ações de sustentabilidade, que podem ser inovadoras, a OE aparece como antecessora, influenciando a sustentabilidade.

Cabe um destaque para a importância que a ação empreendedora tem para o desenvolvimento econômico, para a distribuição de renda e redução da pobreza (Portugal *et al.*, 2017), seja local, regional ou nacionalmente. Inclusive, vários estudos vêm sendo produzidos abarcando o empreendedorismo sustentável (Dixon & Clifford, 2007; Portugal *et al.*, 2021). Assim, a sustentabilidade em seus três pilares (econômico, social e ambiental) passa a apresentar um novo viés ao empreendedorismo (Cohen & Winn, 2007).

Adotar ações de sustentabilidade na sua realidade cotidiana desafia as empresas a buscarem maior inovação, criatividade e assumir riscos. Esses, justamente, são os atributos da orientação empreendedora apontados por Miller (1983). Ao inovar, desenvolver a criatividade e assumir riscos, as empresas estarão buscando ser mais competitivas e diferenciar-se no mercado.

A pesquisa também confirmou a terceira hipótese (H3), por meio da qual foi expresso que capacidade absorptiva possui efeito direto e positivo em orientação empreendedora. Nesse mesmo sentido, considerando o setor hoteleiro de Florianópolis, Sbissa *et al.* (2018) testaram a hipótese de que quanto maior a capacidade absorptiva do setor de hotel, maior será sua orientação empreendedora, e os resultados sustentaram a hipótese. Assim, nota-se que, no setor turístico, a capacidade absorptiva gera orientação empreendedora. ACAP, sendo antecessora, atua de modo a auxiliar a OE a alcançar melhores resultados (Kohtamäki, Heimonen, & Heikkilä, 2020).

A capacidade absorptiva possibilita que as empresas captem, transformem e utilizem estrategicamente os conhecimentos externos. Os conhecimentos constituem-se como capital fundamental para as empresas e a ACAP auxilia a entender o processo de aquisição de novos conhecimentos para alcançar vantagem competitiva e melhor desempenho (Garzón-Castrillón, 2016). Assim, possuir orientação empreendedora e não possuir ACAP dificulta a vida da empresa, pois o acesso a oportunidades diminui, visto que o reconhecimento das informações importantes não é realizado plenamente (Sorescu, Chandy, & Prabhu, 2003). A ACAP possibilita melhorar a habilidade da empresa de reconhecer e aproveitar novas oportunidades e, por isso, atua como uma influenciadora da orientação empreendedora (Zahra, Filatotchev, & Wrigth, 2009).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste estudo foi analisar a influência da capacidade absorptiva e da orientação empreendedora na sustentabilidade econômica, social e ambiental, no setor hoteleiro das regiões turísticas catarinenses. Com fulcro na literatura do campo, foram elaboradas três hipóteses de pesquisa. Com base nos resultados, entende-se que é importante para as empresas hoteleiras que atuam no setor turístico desenvolver práticas de absorção de conhecimento. Assim, quanto mais conhecimento adquirido, assimilado, transformado e aplicado, maiores serão os resultados em práticas de sustentabilidade voltada ao turismo.

Buscou-se, neste estudo, evidenciar a importância da sustentabilidade econômica, social e ambiental no setor hoteleiro das regiões turísticas do estado de Santa Catarina. Este estado é um importante destino turístico de pessoas do mundo todo, evidenciando o setor hoteleiro como relevante objeto de estudo. Considerando este ambiente, buscou-se identificar a influência que a sustentabilidade recebe a partir da capacidade absorptiva e da orientação empreendedora, possibilitando a geração de *insights*, de modo a contribuir tanto nos aspectos acadêmicos como gerenciais.

O estudo contribui com os executivos do setor hoteleiro das regiões turísticas no estado de Santa Catarina, na medida em que indica a necessidade de manter atenção aos conhecimentos que estão fora da empresa, mas que precisam ser identificados para posterior utilização gerando melhorias nas ações empreendedoras e na geração de sustentabilidade econômica, social e ambiental, possibilitando diferenciar-se de seus concorrentes. Os gerentes conseguem identificar as rotinas e processos de cada uma das dimensões e implementá-las para obter o conhecimento necessário, para que o hotel tenha comportamento empreendedor e busque sua sustentabilidade.

A atração de turistas nacionais e internacionais é possibilitada na medida em que os hotéis mostram suas práticas de sustentabilidade, por exemplo, a partir de certificações conquistadas como a credibilidade atestada pela certificação Leed destacada por Zouain, Longo, Virkki e Bittencourt (2019). Conhecimentos externos podem estar nos fornecedores, nos clientes, na concorrência, ou mesmo em órgão de regulamentação, controle e fiscalização. Contribui ainda ao indicar que os executivos do setor hoteleiro das regiões turísticas de Santa Catarina precisam manter atenção especial ao ambiente externo para manterem-se competitivos no mercado.

A pesquisa relatada neste artigo avança nossa compreensão teórica da capacidade de absorção, bem como sua relação com a orientação empreendedora e a sustentabilidade. No caso do setor hoteleiro, os resultados demonstram que os hotéis que desenvolvem orientação empreendedora e sustentabilidade são mais propensos a explorar potencial conhecimento externo.

Essa contribuição é altamente relevante porque as organizações de turismo dependem mais fortemente de fontes externas de conhecimento do que empresas em outros setores (Thomas & Wood 2014). Este estudo identifica o efeito de cada dimensão (aquisição, assimilação, transformação e aplicação) da capacidade absorptiva ACAP na orientação empreendedora e a sustentabilidade. Portanto, foi possível identificar e confirmar a capacidade absorptiva como antecessora da orientação empreendedora e essas duas como geradoras de efeito na sustentabilidade. Então, uma vez que o conhecimento é identificado, compreendido e assimilado, ele pode ser utilizado para gerar resultados positivos, influenciando a ação empreendedora. E quanto às ações relacionadas à sustentabilidade, as empresas terão maior sucesso ao desenvolverem sua ACAP, bem como seu entendimento e aprofundamento das ações relacionadas à orientação empreendedora.

Este estudo apresenta limitações frente ao método quantitativo utilizado, já que não foram identificadas e discutidas as efetivas ações realizadas pelas empresas do setor turístico voltadas à sustentabilidade, à ACAP e à OE. Sugere-se que outros estudos qualitativos possam ser realizados, buscando identificar as ações que são desenvolvidas e implantadas pelas empresas considerando esses três aspectos. Outra limitação refere-se ao recorte geográfico, pois foram consideradas somente as regiões turísticas catarinenses. Futuros estudos podem abordar outras regiões brasileiras que também apresentam relevância turística, ampliando a discussão e o entendimento gerencial e acadêmico. Outra limitação refere-se a amostra que foi não probabilística, por conveniência e assim, não é possível generalizar os resultados. Indica-se que estudos futuros possam utilizar amostras probabilísticas, sendo possível generalizar os resultados. Indica-se, ainda, estudar o papel mediador da orientação empreendedora na relação entre capacidade absorptiva e sustentabilidade. Por fim, cabe ressaltar que o uso da quantidade de estrelas para classificar um hotel vem caindo em desuso e, indicamos que estudos futuros utilizem outras variáveis.

REFERÊNCIAS

- Abbade, E. B., Mores, G. V., & Spanhol, C. P. (2014). The Impact of Entrepreneurial Orientation on Sustainable Performance: Evidence of MSMEs from Rio Grande do Sul. *Revista de Gestão Social e Ambiental*, 8(2), 49-62.
- Adams, R., Jeanrenaud, S., Bessant, J., Denyer, D., & Overy, P. (2016). Sustainability-oriented innovation: a systematic review. *International Journal of Management Reviews*, 18(2), 180-205. <https://doi.org/10.1111/ijmr.12068>

- Agyeiwaah, E. Exploring the relevance of sustainability to micro tourism and hospitality accommodaton enterprises (MTHAEs): Evidence from home-stay owners. *Journal of Cleaner Production*, 226, 159-171. <https://doi.org/10.1016/j.jclepro.2019.04.089>
- Almeida, F. O bom negócio da sustentabilidade. Nova Fronteira: Rio de Janeiro.
- Ahmad, S. Z., Jabeen, F., & Khan M. Entrepreneurs choice in business venture: motivations for choosing home-stay accommodation businesses in Peninsular Malaysia. *Int. J. Hosp. Manag.*, 36, 31-40.
- Arya, B., Horak, S., Bacouel-jentjens, S., & Ismail, K. (2021). Leading entrepreneurial sustainability initiatives in emerging economies. *International Journal of Emerging Markets*. <https://doi.org/10.1108/IJOEM-08-2020-0951>
- Ayuso, S. (2007). Comparing Voluntary Policy Instruments for Sustainable Tourism: The Experience of the Spanish Hotel Sector. *Journal of Sustainable Tourism*, 15(2), 144-159. <http://10.2167/jost617.0>
- Barcelos, R. L., Magnago, R. F., Alberton, A., & Rossetto, C. R. (2018). Desenvolvimento sustentável e capacidade absorviva: conectando os temas através de revisão sistemática e bibliométrica, 7º International Workshop Advances in Cleaner Production, june, 21 and 22, Barranquilla, Colômbia.
- Barki, E., Comini, G., Cunliffe, A., Hart, S., & Rai, S. (2015). Social entrepreneurship and social business: Retrospective and prospective research. *Revista de Administração de Empresas*, 55(4) 380-384. <https://doi.org/10.1590/S0034-759020150402>
- Begnini, S., Carvalho, C. E., & Rossetto, C. R. (2021). The moderating The Moderating Role of Firm's Level of Participation in a Cluster in the Relation between Absorptive Capacity and Sustainability Practices. *BAR, Braz. Adm. Rev.*, 19(3), 1-29. <https://doi.org/10.1590/1807-7692bar2022210034>.
- Belz, F. M., & Dinder, J. K. (2015). Sustainable Entrepreneurship: A Convergent Process Model. *Business Strategy and the Environment*, 26(1). 1-17. <https://doi.org/10.1002/bse.1887>
- Bojica, A. M., Ruiz Arroyo, M., & Fuentes Fuentes, M. D. M. (2012). Knowledge acquisition through inter-firm relationships and entrepreneurial orientation: The mediating role of second order social capital. *Cuadernos de Economía y Dirección de la Empresa*, 15(3), 141-153.
- Borges, M. F. M. (2010). Cultura organizacional e a prevenção de riscos e perdas em hotelaria. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Administração e Desenvolvimento Empresarial. Universidade Estácio de Sá, Rio de Janeiro.
- Bohdanowicz, P., Zientara, P., & Novotna, E. (2011). International hotel chains and environmental protection: an analysis of Hilton's we care! programme (Europe, 2006- 2008). *Journal of Sustainable Tourism*, 19(7), 797-816.
- Buckley, P. J., Doh, J. P., & Benischke, M. H. (2017). Towards a renaissance in international business research? Big questions, grand challenges, and the future of IB scholarship. *Journal of International Business Studies*, pp.1-20.
- Carlborg, P. Kindström, D., & Kowalkowski, C. (2013). The evolution of service innovation research: a critical review and synthesis. *The service Industries Journal*, 34(5). <https://doi.org/10.1080/02642069.2013.780044>
- Camison, C., & Monfort-Mir, V. M. (2011). Measuring innovation in tourism from the Schumpeterian and the dynamic-capabilities perspectives. *Tourism Management*, 33(4), 776e789. <https://doi.org/10.1016/j.tourman.2011.08.012>
- Child, J., & Hsieh, L. (2014). Decision mode, information and network attachment in the internationalization of SMEs: a configurational and contingency analysis. *Journal of World Business*, 49(4), 598-610. <https://doi.org/10.1016/j.jwb.2013.12.012>.
- Chon, K-S., & Sparrowe, R. (2003). Hospitalidade: conceitos e aplicações. 2ª ed. Cengage: São Paulo.
- Claudy, M. C., Peterson, M., & Pagell, M. (2016). The roles of sustainability orientation and market knowledge competence in new product development success. *Journal of Product Innovation Management*, 33, 72-85. <https://doi.org/10.1111/jpim.12343>
- Cohen, W. M., & Levinthal, D. A. (1990). Absorptive Capacity: A New Perspective on Learning and Innovation. *Administrative Science Quarterly*, 35(1), 128. <https://doi.org/10.2307/2393553>

- Cohen, B., & Winn, M. Market Imperfections, opportunity and sustainable entrepreneurship. *Journal of Business Venturing*, 22, 29-49.
- Colombelli, A., Kraft, J., & Vivarelli, M. (2016). To be born is not enough: the key role of innovative start-ups. *Small Business Economics*, 47(2), 277-291. <https://doi.org/10.1007/s11187-016-9716-y>
- Cooper, Chris. (2006). Knowledge management and tourism, *Annals of Tourism Research*, 33(1), 47-64. <https://doi.org/10.1016/j.annals.2005.04.005>.
- Covin, J. G., Green, K. M., & Slevin, D. P. (2006). Strategic process effects on the entrepreneurial orientation-sales growth rate relationship. *Entrepreneurship theory and practice*, 30(1), 57-81.
- Covin, J. G., & Slevin, D. P. (1989). Strategic management of small firms in hostile and benign environments. *Strategic Management Journal*, 10(1), 75-87.
- Criado-Gomis, A., Cervera-Taulet, A., & Iniesta-Bonillo, M. A. (2017). Sustainable entrepreneurial orientation: A business strategic approach for sustainable development. *Sustainability*, 9(9), 1667.
- Daspit, J. J., & D'Souza, D. E. (2013). Understanding the Multi-Dimensional Nature of Absorptive Capacity. *Journal of Managerial Issues*, 25(3), 299-316.
- Davies, I. A., & Chambers, L. (2018). Integrating hybridity and business model theory in sustainable entrepreneurship. *Journal of Cleaner Production*, 177, 378-386. <https://doi.org/10.1016/j.jclepro.2017.12.196>
- DiVito, L., & Bohnsack, R. (2017). Entrepreneurial orientation and its effect on sustainability decision tradeoffs: The case of sustainable fashion firms, *Journal of Business Venturing*, 32(5), 569-587. <https://doi.org/10.1016/j.jbusvent.2017.05.002>
- Dixon, S. E., & Clifford, A. (2007). Ecopreneurship: a new approach to managing the tripple bottom line. *Journal of Organizational Change Management*, 20(3), 326-344.
- Delmas, M., Hoffmann, V. H., & Kuss, M. (2011). Under the Tip of the Iceberg: Absorptive Capacity, Environmental Strategy, and Competitive Advantage. *Business & Society*, 50(1). <https://doi.org/10.1177/0007650310394400>
- De Steur, H., Temmerman, H., Gellynck, X., & Canavari, M. (2020). Drivers, adoption, and evaluation of sustainability practices in Italian wine SMEs. *Business Strategy and the Environment*, 29(2), 744-762. <https://doi.org/10.1002/bse.2436>
- Dunk, R. M., Gillespie, S. A., & Macleod, D. (2016). Participation and retention in a green tourism certification scheme. *J. Sustain. Tour.*, 24, 1585-1603.
- Durán-Román, J. L., Cárdenas-Gracia, P. J., & Pulido-Franández, J. I. (2021). Tourists' willingness to pay to improve sustainability and experience at destination. *Journal of Destination Marketing & Management*, 19, 1-12. <https://doi.org/10.1016/j.jdmm.2020.100540>
- Dutse, A. Y. (2013). Linking absorptive capacity with innovative capabilities: A survey of manufacturing firms in Nigeria. *International Journal of Technology Management & Sustainable Development*, 12(2). https://doi.org/10.1386/tmsd.12.2.167_1
- Dzhengiz, T., & Niesten, E. (2019). Competences for Environmental Sustainability: A Systematic Review on the Impact of Absorptive Capacity and Capabilities. *Journal of Business Ethics*, 162, 1-26.
- Elmo, G. C., Arcese, G., Valeri, M., Poponi, S., & Pacchera, F. (2020). Sustainability in Tourism as an Innovation Driver: An Analysis of Family Business Reality. *Sustainability*, 12(15), 1-14. <https://doi.org/10.3390/su12156149>
- Elkington, J. (1999). Triple bottom-line reporting: Looking for balance. *Australian CPA*, 69(2), 18-21. Retrieved from <http://0-search.proquest.com.wam.leeds.ac.uk/>
- Finney, S., & DiStefano, C. (2013). Nonnormal and categorical data in structural equation modeling. In G. Hancock, & R. Mueller (Eds.), *Structural Equation Modeling: a second course*. 2 ed., 439-492. Charlotte: Information Age Publishing.
- Flatten, T. C., Engelen, A., Zahra, S. A., & Brettel, M. A. (2011). Measure of absorptive capacity: scale development and validation. *European Management Journal*, 29(2), 98-116.

- Ferro, C., Padin, C., Høgevoid, N., Svensson, G., & Sosa Varela, J. C. (2019). Validating and expanding a framework of a triple bottom line dominant logic for business sustainability through time and across contexts. *Journal of Business & Industrial Marketing*, 34(1), 95–116. <https://doi.org/10.1108/JBIM-07-2017-0181>
- Gallego-Álvarez, I., Prado-Lorenzo, J. M., & Gracia-Sánchez, I-M. Corporate social responsibility and innovation: a resource-based theory. *Management Decision*, 49(10) 1709-1727. <http://DOI.10.1108/00251741111183843>
- García-Villaverde, P. M., Rodrigo-Alarcón, J., Parra-Requena, G., & Ruiz-Ortega, M. J. (2018). Technological dynamism and entrepreneurial orientation: the heterogeneous effects of social capital. *Journal of Business Research*, 83, 51–64. <https://doi.org/10.1016/j.jbusres.2017.10.004>
- Garzón-Castrillón, M. A. (2016). Capacidad dinámica de absorción. *Estudio de caso. Orinoquia*, v. 20, n. 1, p. 97-118.
- Goldstein, K. A., & Primlani, R. V. (2012). Current trends and opportunities in hotel sustainability. *HVS Sustainability Services*, 31.
- Goyal, P., Z. Rahman, & Kazmi, A.A. (2013). Corporate Sustainability Performance and Firm Performance Research: Literature Review and Future Research Agenda. *Management Decision* 51(2), 361–379. <http://10.1108/00251741311301867>.
- Hair, J. F., Hult, G. T. M., Ringle, C. M. and Sarstedt, M. (2017). *A primer on partial least squares structural equation modeling (PLS-SEM)*. 2 ed., Sage: Los Angeles.
- Hair, J. F., Black, E. C., Babin, B. J., & Anderson, R. E. (2014). *Multivariate Data Analysis*. 7 ed. Pearson: Harlow.
- Hall, C. M. (2019). Constructing sustainable tourism development: The 2030 agenda and the managerial ecology of sustainable tourism. *Journal of Sustainable Tourism*, 27(7), 1044-1060. <https://doi.org/10.1080/09669582.2018.1560456>
- Hernández-Perlines, F., Covin, J. G., & Ribeiro-Soriano, D. (2021). Entrepreneurial orientation, concern for socio-emotional wealth preservation, and family firm performance. *Journal of Business Research*, 126, 197-208. <https://doi.org/10.1016/j.jbusres.2020.12.050>
- Hernández-Perlines, F., Ariza-Montes, A., Han, H., e Law, R. (2019). Innovative capacity, quality certification and performance in the hotel sector. *International Journal of Hospitality Management*, 82, 220-230. <https://doi.org/10.1016/j.ijhm.2019.04.027>
- Hernández-Perlines, F. (2018). Moderating effect of absorptive capacity on the entrepreneurial orientation of international performance of family businesses. *Journal of Family Business Management*, 8(1), 58–74. doi:10.1108/JFBM-10-2017-0035
- Hernández-Perlines, F., Moreno-García, J., & Yáñez-Araque, B. (2017). Family firm performance: The influence of entrepreneurial orientation and absorptive capacity. *Psychology & Marketing*, 34(11), 1057-1068. <https://doi.org/10.1002/mar.21045>
- Hernández-Perlines, F. (2016). Entrepreneurial orientation in hotel industry: Multi-group analysis of quality certification. *Journal of Business Research*, 69(10), 4714-4724. <https://doi.org/10.1016/j.jbusres.2016.04.019>
- Hjalager, A-M. (2013). 100 Innovations That Transformed Tourism. *Journal of Travel Research*, 54(1). <https://doi.org/10.1177/0047287513516390>
- Hsu, C. L., & Liao, Y. C. (2014). Sustainability strategies and reverse logistics management: A contingent link. *ICMIT 2014-2014 IEEE International Conference on Management of Innovation and Technology*, 500-507 Singapore. Catalog Number: CFP14795-POD.
- Jamali, D., & Karam, C. (2016). Corporate social responsibility in developing countries as an emerging field of study. *International Journal of Management Reviews*, 20(1), 32-61. <https://doi.org/10.1111/ijmr.12112>
- Jansen, J. J. P., Van den Bosch, F. A. J., & Volberda, H. W. (2005). Managing potential and realized absorptive capacity: How do organizational antecedents matter? *Academy of Management Journal*, 48(6), 999–1015.
- Jimenez-Barrionuevo, M. M., García-Morales, V., & Molina, L. M. (2011). Validation of an instrument to measure absorptive capacity. *Technovation*, 31(5-6), 190-202. <https://doi.org/10.1016/j.technovation.2010.12.002>
- Jones, P., & Comfort, D. (2020). The COVID-19 Crisis, Tourism and Sustainable Development. *Journal of Tourism*, 7(2), 75-86. [10.30958/ajt/v7i2](https://doi.org/10.30958/ajt/v7i2)

- Katja, C., Miroslav, R., Barbara, B. H., & Doris, O. G. (2014). Building a model of researching the sustainable entrepreneurship in the tourism sector. *Entrepreneurship in tourism sector*, 43(3/4), 377-393. <https://doi.org/10.1108/K-07-2013-0155>
- Kim, N., & Shim, C. (2017). Taking it personally: How to increase interorganizational knowledge sharing in a tourist district. *Tourism and Hospitality Research*, 19(1), 85-97. <https://doi.org/10.1177/1467358417704886>
- Kline, R. (2015). Principles and practices of structural equation modelling. In *Methodology in the social sciences*. 4 ed. New York: The Guilford Press.
- Knight, H., Megicks, P., Agarwal, S., & Leenders, M. A. A. M. (2019). Firm resources and the development of environmental sustainability among small and medium-sized enterprises: Evidence from the Australian wine industry. *Business Strategy and the Environment*, 28(1), 25-39. <https://doi.org/10.1002/bse.2178>
- Kohtamäki, M., Heimonen, J., Sjödin, & Heikkilä, V. (2020). Strategic agility in innovation: Unpacking the interaction between entrepreneurial orientation and absorptive capacity by using practice theory. *Journal of Business Research*, 118, 12-25. <https://doi.org/10.1016/j.jbusres.2020.06.029>
- Kraus, S., Niemand, T., Halberstadt, J., Shaw, E., & Syrjä, P. (2017). Social entrepreneurship orientation: Development of a measurement scale. *International Journal of Entrepreneurial Behavior & Research*, 23(6), 977-997.
- Kraus, S., Rigtering, J. C., Hughes, M., & Hosman, V. (2012). Entrepreneurial orientation and the business performance of SMEs: A quantitative study from the Netherlands. *Review of Managerial Science*, 6(2), 161-182.
- Lansing, P. & Vries, P. (2007). Sustainable Tourism: ethical alternative or marketing ploy? *Journal of Business Ethics*, 72, 77-85. <http://10.1007/s10551-006-9157-7>
- Lane, P. J. & Lubatkin, M. H. (1998). Relative absorptive capacity and interorganizational learning. *Strategic Management Journal*, 19(5), 461-477. [http://10.1002/\(SICI\)1097-0266\(199805\)19:5<461::AID-SMJ953>3.3.CO;2-C](http://10.1002/(SICI)1097-0266(199805)19:5<461::AID-SMJ953>3.3.CO;2-C)
- Lane, P. J., Koka, B. R., & Pathak, S. (2006). The reification of absorptive capacity: a critical review and rejuvenation of the construct. *Academy of Management Review*, 31(4), 833-863. <https://doi.org/10.2307/20159255>
- Laursen, K., & Salter, A. J. (2014). The paradox of openness: Appropriability, external search and collaboration. *Research Policy*, 43(5), 867-878. <https://doi.org/10.1016/j.respol.2013.10.004>
- Leal, A. N. (2012). Importância da gestão ambiental em empreendimentos hoteleiros - o caso do litoral sul de Pernambuco. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Gestão do Território especialidade em Ambiente e Recursos Naturais da Universidade Nova de Lisboa, Lisboa.
- Liao, S. (2003). Knowledge management technologies and applications: literatures review from 1995 to 2002. *Expert Systems with Applications*, 25, 155-164.
- Liao, W., Pan, E., & Xi, L. (2010). Preventive maintenance scheduling for repairable system with deterioration. *Journal of Intelligent Manufacturing*. 21, 875-884.
- Liu, L., Zhang, M., & Ye, W. (2019). The adoption of sustainable practices: A supplier's perspective. *Journal of Environmental Management*, 232, 692-701. <http://10.1016/j.jenvman.2018.11.067>
- Lumpkin, G. T., & Dess, G. G. (1996). Clarifying the Entrepreneurial Orientation Construct and Linking It to Performance. *Academy of Management Review*, 21(1), 135-172. <https://doi.org/10.2307/258632>
- Lomberg, C., Urbig, D., töckmann, C., Marino, L. D., & Dickson, P. H. (2017). Entrepreneurial Orientation: The Dimensions' Shared Effects in Explaining Firm Performance. *Entrepreneurship Theory and Practice*, 36, 1-26. <https://doi.org/10.1111/etap.12237>
- Machado, V. M. (2017). A legislação do alojamento turístico na valorização do património cultura: uma visão comparativa Portugal-Brasil. *Rosa dos Ventos - Turismo e Hospitalidade*, 9(IV), 521-536. <http://dx.doi.org/10.18226/21789061.v9i4p521>
- Maggioni, I., Marcoz, E. M., & Mauri, C. (2014). Segmenting networking orientation in the hospitality industry: an empirical research on service bundling. *International Journal of Hospitality Management*, 42, 192-201. <https://doi.org/10.1016/j.ijhm.2014.07.002>
- Malvestiti, R. Esteves, D. B. L., & Dandolini, G. A. (2021) Absorptive capacity as feedback on the sustainability of organizations. *RAM*, 22(1), 1-28. <http://doi:10.1590/1678-6971/eRAMR210073>

- Martelo-Landroguez, S., Albort-Morant, G., Leal-Rodríguez, A., & Ribeiro-Soriano, B. (2018). The Effect of Absorptive Capacity on Green Customer Capital under an Organizational Unlearning Context. *Sustainability*, 10(1), 265. <https://doi.org/10.3390/su10010265>
- Martens, C. D., Carneiros, K., Martens, M., & Silva, D. (2015). Relationship between entrepreneurial orientation and project management maturity in Brazilian software firms. *Iberoamerican Journal of Strategic Management*, 14(2), 72-91.
- Martins, L. A. V., & Flores, L. C. S. (2017). Comportamento estratégico: perfil dos gestores hoteleiros da região do Vale do Itajaí/Santa Catarina. *Revista Hospitalidade*, 14(2), 1-23.
- Melissen, F., Cavagnaro, E., Damen, M., & Düweke, A. (2016). Is the hotel industry prepared to face the challenge of sustainable development? *Journal of Vacation Marketing*, 22(3), 227-238.
- Miller, D. (1983). The correlates of entrepreneurship in three types of firms. *Management Science*, 29(7), 770-791.
- Mina, A., Bascavusoglu-Moreau, E., & Hughes, A. (2014). Open service innovation and the firm's search for external knowledge. *Research Policy*, 43(5), 853-866. <https://doi.org/10.1016/j.respol.2013.07.004>
- Molina-Morales, F. X., & Martínez-Fernández, M. T. (2010). Social networks: effects of social capital on firm innovation. *Journal of Small Business Management*, 48(2), 258-279. <https://doi.org/10.1111/j.1540-627X.2010.00294.x>
- Murovec, K., & Prodan, I. Absorptive capacity, its determinants, and influence on innovation output: cross-cultural validation of the structural model. *Techonovation*, 29(12), 859-872.
- Nascimento, J. C. H. B., & Macedo, M. A. S. (2016). Modelagem de Equações Estruturais com Mínimos Quadrados Parciais: um Exemplo da Aplicação do SmartPLS® em Pesquisas em Contabilidade. *Journal of Education and Research in Accounting*, 10(3), 289-313.
- Neutzling, D. M., Land, A., Seuring, S., & do Nascimento, L. F. M. (2018). Linking sustainability-oriented innovation to supply chain relationship integration. *Journal of Cleaner Production*, 172, 3448-3458. <http://10.1016/j.jclepro.2017.11.091>
- Nieves, J., & Segarra-Ciprés, M. (2015). Management innovation in the hotel industry. *Tourism Management*, 46, 51-58. <https://doi.org/10.1016/j.tourman.2014.06.002>
- Núñez-Ríos, J. E., Sánchez-García, J. Y., Rojas, O. G., & Olivares-Benitez, E. (2020). Factors to foster organisational sustainability in tourism SMEs. *Sustainability*, 12(20), 1-21.
- Oliveira, M. (2013). A certificação em sustentabilidade (NBR 15401:2006) como fator estratégico de obtenção de vantagens competitivas. Tese (Doutorado em Administração e Turismo). Universidade do Vale do Itajaí/UNIVALI, Biguaçu.
- Omerzel, D. G., & Jurdana, D. S. (2016). The influence of intellectual capital on innovativeness and growth in tourism SMEs: Empirical evidence from Slovenia and Croatia. *Economic Research-Ekonomska Istrazivanja*, 29(1), 1075-1090. doi:10.1080/1331677X.2016.1211946
- OMT. Organização Mundial do Turismo. (2004). Iniciativas voluntárias para o turismo sustentável: inventário mundial e análise comparativa de 104 selos ecológicos, prêmios e iniciativas de autocomprometimento. Roca: São Paulo.
- Pacheco, D. F., Dean, T. J., & Payne, D. S. (2010). Escaping the green prison: entrepreneurship and the creation of opportunities for sustainable development. *Journal of Business Venturing*, 25(5), 464-480. <https://doi.org/10.1016/j.jbusvent.2009.07.006>
- Padilha, L. S., Piekas, A. A. S., Kuzma, E. L., Beghini, S., & Carvalho, C. E. The impact of the environmental dimensions and the relationship between absorptive capacity and sustainability practices. *International Journal of Development Research*, 10(9), 39985-39991. <http://10.37118/ijdr.19853.09.2020>
- Pérez-López, D., Moreno-Romero, A., & Barkemeyer, R. (2015). Exploring the Relationship between Sustainability Reporting and Sustainability Management Practices. *Business Strategy and the Environment*, 24(8), 720-734.
- Portugal, N. S., Silva, S. S., Portugal, P. S., & Alves, A. F. (2017). Individual microentrepreneurs: a study of their actions and perceptions in response to the requirements of sustainable development. *Journal of Environmental Management and Sustainability*, 6(1), 107-122

- King, B. E., Breen, J., & Whitelaw, P. A. (2012). Hungry for Growth? Small and Medium-sized Tourism Enterprise (SMTE) Business Ambitions, Knowledge Acquisition and Industry Engagement. *International Journal of Tourism Research*, 16(3), 272-281. <https://doi.org/10.1002/jtr.1926>
- Rauch, A., Wiklund, J., Lumpkin, G. T., & Frese, M. (2009). Entrepreneurial orientation and business performance: an assessment of past research and suggestions for the future. *Entrepreneurship Theory and Practice*, 33(3), 761-787.
- Ramayah, T., Soto-Acosta, P., Kheng, K. K., & Mahmud, I. (2020). Developing process and product innovation through internal and external knowledge sources in manufacturing Malaysian firms: the role of absorptive capacity. *Business Process Management Journal*, 26(5), 1021-1093. <https://doi.org/10.1108/BPMJ-11-2019-0453>
- Riikkinen, R., Kauppi, K., & Salmi, A. (2017). Learning Sustainability? Absorptive capacities as drivers of sustainability in MNCs' purchasing. *International Business Review*, 26(6), 1075-1087.
- Rivera, J., & Leon, P. (2005). Chief executive officers and voluntary environmental performance: Costa Rica's certification for sustainable tourism. *Policy Sciences*, 38, 107-127.
- Rivera, J., & Leon, P. (2010). Do hotels' "green" attributes contribute to customer satisfaction? *Journal of Services Marketing*, 24(12), 157-169. <http://10.1108/08876041011031127>
- Robinot, E., & Giannelloni, J.-L. (2009). Attitude toward Environmentally Friendly Hospitality Management: A Measurement Scale. *Recherche et Applications en Marketing*, 24, 29-59. <https://doi.org/10.1177/205157070902400202>
- Roszkowska-Menkes, M. T. (2018). Integrating strategic CSR and open innovation. Towards a conceptual framework. *Social Responsibility Journal*, 14(4), 950-966.
- Ruschmann, D. (2008). *Turismo e Planejamento Sustentável: a proteção ao meio ambiente*. 14 ed, Papirus: Campinas, Brasil.
- Saenz, M. J., E. Revilla, & D. Knoppen. 2014. Absorptive Capacity in Buyer-Supplier Relationships: Empirical Evidence of Its Mediating Role. *Journal of Supply Chain Management*, 50(2), 18-40. <http://doi:10.1111/jscm.12020>.
- Santos, A. C. M. A., Alves, M. S. P. C., & Bitencourt, C. C. (2015). Entrepreneurial orientation construct and the impact on performance of companies in technological incubators. *BASE*, 12(3), 242-255. <https://10.4013/base.2015.123.06>
- Santos, M., & Flores, L. C. S. (2017). Formação de preço dos hotéis turísticos da cidade de São Luís/Maranhão. *Rev. Bras. Pesq. Tur.* 11(1), 133-153.
- Santur – Agência de Desenvolvimento do Turismo de Santa Catarina. Disponível em www.santur.sc.gov.br. Acessado em 14 out. 2022.
- Savitz, A. W., & Weber, K. (2014). *The triple bottom line: how today's best run companies are achieving economic, social, and environmental success-and how you can too* (2 ed). San Francisco: John Wiley & Sons, Inc.
- Sbissa, A. P., Rossetto, C. R., Carvalho, C. E., & Zonatto, P. A. F. (2018). Relacionamento entre capacidade absorptiva e orientação empreendedora: um estudo nos hotéis de Florianópolis (SC). *Turismo – Visão e Ação*, 20(2), 311-323.
- Schumpeter, J. A. (1983). *Teoria do desenvolvimento econômico*. Abril Cultural: São Paulo.
- Schweiger, S., Stettler, T., Baldauf, A., & Zamudio, C. (2019). The Complementarity of Strategic Orientations: A Meta-Analytic Synthesis and Theory Extension. *Strategic Management Journal*. 40. <http://10.1002/smj.3042>
- Schweiger, A. S., Stettler, T. R., Baldauf, A., & Zamudio, C. (2019). The Complementarity of Strategic Orientations: A Meta-Analytic Synthesis and Theory Extension. *Strategic Management Journal* 40. <http://10.1002/smj.3042>
- Sciascia, S., D'oria, L., Bruni, M., & Larrañeta, B. (2014). Entrepreneurial Orientation in low-and medium-tech industries: The need for Absorptive Capacity to increase performance. *European Management Journal*, 32(5), 761-769.

- Segarra-Oña, M., Peiró-Signes, A., Verma, R., & Miret-Pastor, L. Does environmental certification help the economic performance of hotel? Evidence from the Spanish hotel industry. *Cornell Hospitality Quarterly*, 53(3), 242-256. [10.1177/1938965512446417](https://doi.org/10.1177/1938965512446417)
- Silveira, M. A. T. (2005). Turismo y sustentabilidade entre el discurso y la acción. *Estudios y Perspectivas em Turismo*, 14(3), 222-242.
- Shaw, G., & Williams, A. (2009). Knowledge transfer and management in tourism organisations : An emerging research agenda. *Tourism Managment*, 30(3), 325-335. <https://doi.org/10.1016/j.tourman.2008.02.023>.
- Short, J. C., Payne, G. T., & Ketchen, D. J. (2008). Research on organizational configurations: past accomplishments and future challenges. *Journal of Management*, 34, 1053–1079. <https://doi.org/10.1177/0149206308324324>
- Shussel, A. G. L. (2012). Turismo, desenvolvimento e meio ambiente. In.: Brasileiro, M. D. S, Medina, J. C. C. and Coriolano, L. N. (Orgs). *Turismo, cultura e desenvolvimento* [online]. Campina Grande, Brasil. <<https://static.scielo.org>>
- Solvoll, S., Alsos, G. R., & Bulanova, O. (2015), Tourism entrepreneurship – review and future directions. *Scandinavian Journal of Hospitality and Tourism*, 15(1), 120-137. <http://10.1080/15022250.2015.1065592>
- Sorescu, A. B., Chandy, R. K., & Prabhu, J. C. (2003). Sources and financial consequences of radical innovation: Insights from pharmaceuticals. *Journal of marketing*, 67(4), 82-102.
- St-Jean, E., & Labelle, F. (2018). Wanting to change the world, is it too much of a good thing? How sustainable orientation shapes entrepreneurial behaviour. *International Journal of Entrepreneurial Behavior & Research*. 24(6), <http://10.1108/IJEBR-03-2018-0130>
- Swarbrooke, J. (2000). Turismo sustentável: conceitos e impacto ambiental. Aleph, São Paulo.
- Tajeddini, K. (2010). Effect of customer orientation and entrepreneurial orientation on innovativeness: Evidence from the hotel industry in Switzerland. *Tourism Management*, 31(2), 221-231. <https://doi.org/10.1016/j.tourman.2009.02.013>
- Tenconi, C. D. (2015). Desenvolvimento de uma Escala para mensurar a capacidade de absorção em pequenas empresas. Dissertação (Mestrado) – Curso de Administração, Universidade Estadual de Santa Catarina, Florianópolis.
- Thomas, R., & Wood, E. (2015). The Absorptive Capacity of Tourism Organisations. *Annals of Tourism Research*. 54, 84-99.
- Tomio, M., Schmidt, C. M. (2015). Turismo e ambiente natural na microrregião de Blumenau (SC)? Afinal, qual é a realidade? *Caderno Virtual de Turismo*, 15(2), 132-148.
- Tucker, H., Lynch, R. Host-guest dating: the potential of improving the customer experience through host-guest psychographic matching. *J. Qual. Assur. Hosp. Tour.*, 5 (2–4), 11-32.
- Vafaei-Zadeh, A., Hanifah, H., Foroughi, B., & Salamzadeh, Y. (2019). Knowledge leakage, an Achilles' heel of knowledge sharing. *Eurasian Business Review*, 9, 445–461. <https://doi.org/10.1007/s40821-019-00128-7>
- Valentin, L., Lisboa, J., & Franco, M. (2015). Knowledge management practices and absorptive capacity in small and medium-sized enterprises: is there really a linkage? *R&D Management*, 46(4), 711-725. <https://doi.org/10.1111/radm.12108>
- Van Doorn, S., Heyden, M. L. M., & Volberda, H. W. (2017). Enhancing entrepreneurial orientation in dynamic environments: the interplay between top management team advice-seeking and absorptive capacity. *Long Range Planning*, 50, 134–144. <https://doi.org/10.1016/j.lrp.2016.06.003>.
- Vázquez, J. P. A., Tirado-Valencia, P., & Ruiz-Lozano, M. (2021). The Impact and Value of a Tourism Product: A Hybrid Sustainability Model. *Sustainability*, 13(4), 1-14. <https://doi.org/10.3390/su13042327>
- Vega-Jurado, J., Gutiérrez-Gracia, A., & Fernández-de-Lucio, I. (2008). Analyzing the determinants of firm's absorptive capacity: beyond R&D. *R&D Management*, 38(4), 392-405.
- Vitehsson, C. (2009). Corporate ecological sustainability strategy decisions: the role of attitude towards sustainable development. *Journal of Organisational Transformation and Social Change*, 6(1), 49-64.

- Venkatraman, N. (1989). Strategic orientation of business enterprises: The construct, dimensionality, and measurement. *Management Science*, 35(8), 942-962.
- Wales, W. J., Gupta, V. K., & Mousa, F. T. (2013). Empirical research on entrepreneurial orientation: an assessment and suggestions for future research. *International Small Business Journal*, 31(4), 357-383. <https://doi.org/10.1177/0266242611418261>
- Wang, C. K., & Ang, B. L. (2004). Determinants of venture performance in Singapore. *Journal of small business management*, 42(4), 347-363.
- Weidenfeld, A., Williams, M. A., & Butler, R. W. (2010). Knowledge transfer and innovation among attractions. *Annals of Tourism Research*, 37(3), 604-626. <https://doi.org/10.1016/j.annals.2009.12.001>
- West, J. Salter, A., Vanhaverbeke, W., & Chesbrough, H. (2014). Open innovation : The next decade. *Research Policy*, 43(5), 805-811. <https://doi.org/10.1016/j.respol.2014.03.001>
- Williams, A. M., & Shaw, G. (2011). Internationalization and innovation in tourism. *Annals of Tourism Research*, 38(1), 27-51. <https://doi.org/10.1016/j.annals.2010.09.006>
- Wojciechowska-Solis, J., Kobyłka, A., & Gawryluk, A. (2021). Social responsibility of Economic Units and the Well-Being of Society in the Tourism Sector: example of accommodation facility. *Energies*, 14, 2-22. doi.org/10.3390/en14196270
- Xu, X., & Gursoy, D. (2014). A Conceptual Framework of Sustainable Hospitality Supply Chain Management. *Journal of Hospitality Marketing & Management*, 24(3), 229-259. <https://doi.org/10.1080/19368623.2014.909691>
- Ye, S., Xiao, H., & Zhou, L. (2019). Small accommodation business growth in rural areas: effects on guest experience and financial performance. *Int. J. Hosp. Manag.*, 76, 29-38.
- Zach, F. J., & Hill, T. L. (2017). Network, knowledge and relationship impacts on innovation in tourism destinations. *Tourism Management*, 62, 196-207. <https://doi.org/10.1016/j.tourman.2017.04.001>
- Zahra, S. A., & George, G. (2002). Absorptive Capacity: A Review, Reconceptualization, and Extension. *The Academy of Management Review*, 27(2), 185. <https://doi.org/10.2307/4134351>
- Zahra, S. A., Filatotchev, I. and Wright, M. (2009). How do threshold firms sustain corporate entrepreneurship? The role of boards and absorptive capacity. *Journal of business venturing*, 24(3) 248-260.
- Zouain, D. N., Longo, O. C., Virkki, K. B., & Bittencourt, F. T. R. (2019). Práticas de sustentabilidade adotadas nos empreendimentos hoteleiros construídos no âmbito dos jogos olímpicos Rio 2016. *Turismo, Visão e Ação*. <https://doi.org/10.14210/rtva.v22n2.p254-276>

CONTRIBUIÇÃO DOS AUTORES

Sérgio Begnini: Organização da introdução, organização teórica, elaboração das hipóteses e do modelo teórico de pesquisa, análise dos dados no *software* estatístico, descrição e discussão dos resultados, revisão após primeira rodada de avaliação pela TVA, elaboração das conclusões, organização das referências, revisão final do artigo.

Carlos Ricardo Rossetto: Organização teórica, elaboração das hipóteses e do modelo teórico de pesquisa, coleta dos dados, descrição e discussão dos resultados, revisão após primeira rodada de avaliação pela TVA, elaboração das conclusões, revisão final do artigo.

Carlos Eduardo Carvalho: Organização teórica, descrição e discussão dos resultados, revisão após primeira rodada de avaliação pela TVA, elaboração das conclusões, revisão final do artigo.

Nota: Este artigo foi apresentado oralmente no XXIII ENGEMA, que ocorreu *online*, entre 29 e 30 de novembro de 2021.

Apêndice I

Variáveis observadas, utilizadas para mensurar os constructos

Sigla	Assertiva
Construto Sustentabilidade	
EP1	Nosso hotel gera empregos locais remunerados adequadamente e em todos os níveis administrativos.
EP2	Nosso hotel dá prioridade para o consumo de produtos locais estimulando a compra direta de produtores ou cooperativas e fortalecendo a economia local.
SP1	Nosso hotel apoia iniciativas socioculturais locais.
SP2	Nosso hotel adota estratégias inclusivas tanto direcionadas aos clientes como aos colaboradores (portadores de deficiências, questões de gênero, questões de raça, etc.).
Env1	Nosso hotel utiliza estratégias de consumo consciente, procurando poupar recursos, incluindo a compra de insumos sustentáveis.
Env2	Nosso hotel utiliza tecnologias limpas e energias renováveis e alternativas.
Env3	Nosso hotel trabalha com a gestão de resíduos a partir de práticas sustentáveis como a reciclagem, o reuso e a reutilização.
Orientação Empreendedora	
EOIn_01	A gestão do nosso hotel inova muito em processos dando preferência a projetar seus próprios métodos de atuação.
EOIn_02	Foram lançados novos produtos e serviços nos últimos 5 anos.
EORisc_01	A administração do nosso hotel tem propensão a aprovar projetos de alto risco (com chances de retornos muito altos).
EORisc_02	No nosso hotel a organização tende a assumir riscos calculados.
EORisc_03	Quando diante de situações de tomada de decisão que envolve incerteza, a organização adota uma postura audaciosa e agressiva com o objetivo de maximizar a probabilidade de explorar oportunidades em potencial.
EOPro_01	O monitoramento do ambiente e prática constante em nosso hotel (clientes, concorrentes, busca de oportunidades, etc.).
DRPro_02	A administração tende a estar à frente de outros competidores na introdução de novos serviços e produtos.
Capacidade Absortiva	
CA_01	Temos habilidades para identificar conhecimentos externos que possam ser úteis ao nosso hotel.
CA_02	Em nosso hotel habitualmente adquirimos conhecimentos externos.
CA_03	Em nosso hotel empregamos esforços para internalizar conhecimentos externos.
CA_04	Em nosso hotel absorvemos novos conhecimentos obtidos de fontes externas.
CA_05	Em nosso hotel recombinaos conhecimentos externos aos conhecimentos já existentes na empresa.
CA_06	Em nosso hotel utilizamos em nosso negócio conhecimentos adquiridos externamente.

Fonte: Elaborado pelos autores, 2022.